

A ESCOLA PRIMARIA

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

Ensino e Educação

IDEAS E FACTOS

Daltro Santos.....	Conselhos
Zuleida G. Recife.....	D. Esther de Mello
Francisco Prisco.....	A inspecção medica escolar
Ruy Barbosa.....	Desenho
	Expediente

A ESCOLA

America Xavier M. de Barros.....	Synonymos, homonymos, antonymos e paronymos
Coema Hemeterio.....	O verbo Haver
A. J.....	Atravez das revistas (Cultura da memoria)
Mestre-Escola.....	Tres palavrinhas
E. Vilhena de Moraes.....	Poesia — A' minha filha

LIÇÕES & EXERCICIOS

Ensino e Educação

Já não é preciso, entre nós, fallar aos administradores e aos politicos brasileiros sobre a necessidade da diffusão do ensino primario: della estão todos convencidos e parecem sinceramente empenhados em lhe dar remedio, creando escolas e incrementando a frequencia quanto lhe permitem os recursos orçamentarios.

Verdade é que de muitos estados se poderia reclamar ainda maior sacrificio em favor da escola publica, levando-os a consignarem, para seu custeio, uma verba que permitisse melhor remuneração ao professorado e mais uma larga distribuição do ensino. Em todo caso, pelo menos em these, o problema do combate ao analphabetismo está encaminhado, bastando para resolvel-o que nossos administradores cumpram suas promessas.

O mesmo já se não pode dizer em relação á qualidade do ensino ministrado em nossas escolas.

O abandono em que permanecia o ensino primario, provinha do facto de ignorarem nossos administradores a funcção primordial que cabe á escola publica no seio de uma nacionalidade em formação, massa indefinida ainda, heterogenea e amorpha, com que se havia da modelar o caracter solido de um povo digno deste grande paiz.

Sem um sentimento nacional que pudesse ser aspiração collectiva bastante forte para repellir qualquer tentativa de intromissão de idéas pre-

judiciaes aos interesses da republica, seguidamente infiltrada a população por elementos extranhos, numerosos, e de cultura em geral maior que a do nacional, despertando as riquezas innumerables e abandonadas do nosso solo e suas grandes possibilidades a cobiça do estrangeiro, o Brasil, mais do que nenhuma outra nação, deveria ter cuidado melhor da escola publica, tornando-a uma fonte de formação do caracter nacional.

A escola não deve dar, apenas, o ensino das primeiras letras.

Funcção muito mais elevada e mais efficiente lhe está destinada — a de educar e formar o caracter dos cidadãos de amanhã.

E' indispensavel, pois, que nossos administradores se preocupem hoje mais com a qualidade do ensino de que, propriamente, com sua quantidade.

Essa orientação, folgamos em registrar, é a que está sendo adoptada pelo Governo de Minas Geraes.

O illustre titular da pasta do Interior, dr. Fernando de Mello Vianna, está realisando uma profunda modificação nos processos pedagogicos adoptados nas escolas publicas, já estimulando e elogiando os professores que se mostram mais esforçados, já aconselhando e orientando a todo o professorado, em circulares, algumas das quaes temos publicado, que valem por excellentes lições de pedagogia.

1- IDÉAS E FACTOS

Conselhos

(Trecho de um discurso de paronympho aos professorandos do Collegio Baptista.)

Recebei como um mandato de Deus cada estudantezinho que vos chegar, porque, no que lhe derdes, estareis cumprindo uma obrigação de alta responsabilidade para com a sociedade, para com a vossa consciencia e para com o proprio Creador. Acolhei-o com um sorriso á boca e um brinco em vossos olhos e vêde em cada um como um incitamento á vossa complacencia e um desafio á vossa generosidade. Sereis na vossa ensinancia depositarios de um ser que precisa de vós, para o qual vos inclinareis em zelos e bondades, sem lhe pesar nos hombros, sem lhe premer as tenras forças, sem lhe quebrar os estimulos, sem lhe magoar o pundonor.

Elle irá até vós para aprender, para subir, para desempençar-se, para gozar comvosco, para estimar-vos e acatar-vos, como uma graça nova, que lhe era desconhecida e que lhe veio após a graça meiga e bemdita de sua mãe. Esta vol-o entregará fiada em vós, no que lhe haveis de facultar em alegrias suaves de quem vence, de quem lustra, de quem se alteia mais e mais e aprende a prezar-se e a contentar-se de si mesmo. No vosso incitamento o seu prazer; nos vossos elogios a sua gloria infantil; na vossa reprimenda o seu espanto de que descesse a merecel-a, e na vossa bondade sempre igual a esperanca indizível—que vae até ás lagrimas—de reaver o que suppõe perdido—o coração da mestra.

Vêde bem que só de amor se envolve o campo do vosso encargo: amor que é diligencia e que é justiça, energia e bondade e perspicacia e longanimidade; para que de tudo se forme nas crianças a vossa imagem—imagem de um ser superior, que se lhes dedica, que aquilata os esforços e os gradúa em módulo severo mas sereno, que exige com prudencia, que é bom sem desmedir-se, que omprehende os erros e os percebe e

lhes descobre as causas, que entra no amago de cada pequeno alumno para tirar-lhe o que elle pode dar, e só o que pode dar, na constructura do seu temperamento e na timidez e insipiencia da sua idade.

Medi sempre o que ensinardes, para o bem dos estudantes e para o vosso proprio. Se lhes atulhardes a mente em formação, ai delles! e ai de vós! Pouco lhes ficará do que ensinardes; pouco vos ficará do vosso tino.

Terieis, se o fizesseis, enchido o cerebro de uma carga que esmorece, obumbra, abarrota, aniquila e ás vezes mata as forças naturaes.

Volvei-vos ao ensino com prudencia e contensão, para que vos vejaes fortes no vosso ministerio e contentes de vós e dos alumnos. Ensinade de verdade, não derrameis; pesae com boa balança, não sobrecarregueis; alimentae, não empanurreis. Dae pouco e com vagar e com insistencia e tirae de cada alumno o que puderem as vossas forças pedagogicas.

Dos homens o que mais vale não é o que traz mais cheio o espirito, senão o que melhor activa a razão e o julgamento. «Um sabedor—diz RUY BARBOSA—não é armario de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas». Num salão fechado as mais caras alfaias se immobilizam no pó; mas na officina aberta a actividade transforma e vivifica tudo. Assim, o espirito: antes *cerebro-officina* em movimento do que *cerebro-salão* em soledade.

Imaginae agora o que se dirá quanto ás crianças! Não vos deixeis cair jamais na grande culpa de acoimar vossos alumnos de incapacidade e negligencia, porque em vós iria tombar, em ricochete, a accusação. Seria original que o esculptor arguisse a massa de negar-se ao relevo em suas mãos, ou o marmore de recusar-se ao seu cinzel, ou o metal de esquivar-se ao molde que o informa.

Permitti que vos recorde o que vistes varias vezes em annos varios. No meu officio de professor o dia da reprimenda foi sempre a vespera da reconciliação com o meu alumno. Não fugi nunca a este

meio, de que tiro até hoje o mais cabal proveito para o meu educando. Este, quando me espera temeroso, se timido, irritado, se rebelde, torvado, se caprichoso, ouve de mim, tão natural e simples, a voz em que lhe falo, sem avivar-lhe a magoa, que são, as mais das vezes, os inculcados ou censurados os que me vão guardar maior estima. Porque teremos falhado ao nosso escopo, se não formos tolerantes com o que se deve tolerar, se gritarmos ao invés de admoestar, se deprimirmos o que se deve respeitar, se recusarmos ás almas o que nos pedem, o que desejam de nós: um pouco de nós mesmos dentro dellas.

DALTRÓ SANTOS

D. ESTHER DE MELLO

A 4 do mez proximo passado foi inaugurado na Escola Esther de Mello, do 2º Districto, o retrato de sua saudosa patrona, cujo prematuro desaparecimento tão grande pezar causou entre nós.

Por occasião da solennidade que então se realisou, presidida pelo Sr. Director Geral da Instrucção, com a assistencia de inspectores escolares e de grande numero de professoras, proferiu a sra. adjunta D. Zuleida Godinho Recife o seguinte discurso, muito applaudido:

«Exmº. Sr. Dr. Director da Instrucção Publica, Exmos. Srs. Inspectores Escolares, Exmas. Sras. Directoras, minhas caras collegas, minhas senhoras, meus senhores, queridos alumnos.—Temeroso encargo este de vos dirigir a palavra em occasião tão solenne! Quando ainda agora, penetrava aqui neste recinto augusto, senti que me avassallava o espirito a influencia dominadora do ambiente.

Trago a alma tão profundamente enternecida que não sei como vencer toda esta onda impetuosa de emoção que mais e mais se avoluma, se precipita e sobe a caminho do cerebro.

Bem quizera eu ferrar os vossos

ouvidos á dissonancia das minhas phrases sem brilho.

Na verdade, que vos posso dizer quando a inspiração deserta e o coração rufa a silencio, buscando emmudecer os labios.

Habituada ao culto da obediencia não me pude, entretanto, furtar á tarefa tão acima de minhas forças e para cujo desempenho só me resta o amparo da vossa benevolencia.

Guerra Junqueiro, o maravilhoso poeta, cujos versos estupendos só se podem ler, com o espanto de quem assiste, de surpresa, ás explosões violentas de immenso vulcão que se incendeia, escreveu estes dois admiraveis alexandrinos, que valem, só elles, por tudo quanto não vos conseguiria dizer:

Quando uma lousa cae sobre um cadaver
[mudo,
Dizem que tudo acabou e principia tudo.

Sim, a morte não pôde ser a synthese apavorante do nada, em que esse estranho septicismo moderno procura afogar as alegrias purissimas da fé, e as consolações balsamicas da esperanca.

Nem todos são na terra destinos sem epitaphio.

Os eleitos de Deus, quando se lhes apaga a lampada da vida, mergulham na immortalidade, inundados de luz.

Quando o magisterio brasileiro, ha 6 mezes, viu tombar em plena gloria, esse vulto excepcional de mulher, que foi Esther Pedreira de Mello, quando no silencio insondavel do tumulo, para sempre se occultou o corpo inanimado dessa heroica batalhadora, todas as almas se cobriram de luto, todos os corações se encheram de dor e de saudade.

Dôr, e dôr sincera, pela perda sem remedio de um precioso bem, dôr pela certeza inilludivel de não tornar a vel-a, carinhosa e sollicita, dôr pela amarga lembrança de tantos annos de amistoso convivio, alimentando sonhos, commungando ideias. Saudade pungente, impercível, foi o sentimento que despertou essa partida apressada, em demanda do incognoscivel, essa viagem sem termo, de roteiro ignorado em busca do infinito. Saudade! Deixae-me que eu a recorde com Alvares Azevedo em versos magnificos:

Saudade, eterna chamma, sol eterno,
Dos corações a lagrima e o sorriso,
Saudade ! luar esplendido do inferno.
Saudade ! negro sol do paraizo.

Não foi, Senhores, sem poderoso motivo que se elegeu o dia de hoje para esta commemoração, na apparencia, modesta e simples, mas expressiva e tocante na sua significação real.

4 de Setembro ! Esta data de preferencia escolhida pela excelsa Directora, que tão sabiamente dirige esta casa de ensino, para inauguração do retrato na escola que teve a fortuna de receber o nome de Esther Pedreira de Mello, falaria de perto, como nenhuma outra, ao coração generoso da homenageada, oxalá pudesse ainda pulsar.

E' o dia assignalado pelos factos capitaes de sua vida.

Anniversario de um grande amigo e protector, quiz ella que a sua collação de gráo coincidissem com elle. Foi, pois, neste dia que principiou a sua brilhante jornada pela intellectualidade, calcando espinhos, arredando tropeços, mas de victoria em victoria, com uma energia particularmente sua, com uma actividade febril, irmã gêmea da intelligencia privilegiada, que tão cedo a sagrou immortal.

Annos depois, ao seu apostolado de mestra inconfundivel veio juntar-se a fé ardente nos preceitos salutaes de uma outra religião, não menos bella, não menos pura e santa e nesta mesma data quiz ainda receber a fita de filha de Maria.

Parece que Deus vigiava do alto aquella existencia afanosa que se consumia na pratica do bem e a 4 de março deixava Esther Pedreira de Mello o convívio da terra para se esconder no seio do Creador.

E' justo, portanto, que o retrato da patrona desta Escola seja tambem desvelado no dia de hoje e tenho a honra de convidar o exmo. sr. dr. director de Instrucção Publica para descerrar a cortina.

.....
Eis-nos em presença daquella cuja passagem pelo magisterio de nossa terra, lembra a desses astros peregrinos que riscam fundo na escuridão dos espaços o traço fulgurante de sua trajectoria.

A sua effigie, ali, dá-nos a impressão de que a temos ao nosso lado, iden-

tificada comnosco, inteiramente nossa, nos momentos de triumpho como nas horas de provação.

Que o seu espirito, votado sempre aos idéaes mais alevantados, continue a pairar por sobre nós, como um pallio de bençãos, como um estímulo perenne ao nosso amor pela patria e um appello incessante pela causa do ensino.

E, como esquecel-a, se são as creanças que lhe hão de repetir o nome, na melodia festiva do seu canto escolar ?

Ides ouvir, em torrentes de harmonia, a musica admiravel de Ernesto de Nazareth, ese cultor apaixonado da arte mais sublime.

Quero que as minhas derradeiras palavras se diluam na riqueza opulenta do rithmo, nesse hymno sonoro, canto de amor e de saudade, soluçado de joelhos á beira de um sepulchro..

A inspecção medica das escolas

Instituido aqui ha alguns annos o serviço da inspecção medica nas escolas, e apesar das relativas vantagens que tem trazido á população infantil, continua, porém, a ser alvo das criticas infundadas dos maledicentes eternos.

Um politico, quando lhe róe a lingua o anseio duma arrancada tribunicia, não tem que exitar entre mentir ainda uma vez ao povo, com tropos e trapos de eloquencia, e fazer considerações ácerca da inspecção medica, assumpto sempre mais accessivel do que metter-se a gente a desvendar o que lá vae pela lua...

Ainda ha dias um jornal, desses que, á mingua de redactores que escrevam, vivem em busca de novidades, que só servem de falsear a bôa fé dos seus poucos leitores, atacou os medicos escolares, porque as escolas funcçionam em miseraveis pardieiros !

No entanto, se ha assumpto sobre o qual sejam unanimes as opiniões dos medicos, como dos inspectores, do professorado, de todo o mundo emfim, é positivamente esse da necessidade impreterivel da construcção dos predios escolares.

Todos pedem, todos reclamam, e nada se consegue !

Que culpa cabe aos medicos desse lamentavel estado de cousas, contra cuja permanencia unanimes reclamam e insistem e supplicam, mas em vão ?

Houve ha dias quem dissesse que o unico trabalho efficiente dos medicos consiste na systematica vaccinação e revaccinação do pessoal das escolas.

Dado que o seja, e de lado a má vontade da arguição, cumpre investigar o motivo do allegado.

Qual é ?

E' que o serviço de vaccinação e revaccinação é dos poucos para cuja execução não se precisa da interferencia de ninguem ; não depende senão do proprio medico escolar.

Ainda assim, não é pequeno o esforço que se dispende, para obter lymph e ainda se compra alcool e algodão !

O trabalho da inspecção medica nas escolas é, por sua propria natureza, silencioso, modesto, desses que *não apparecem*. E ahi está em verdade uma de suas vantagens : trabalho de hygiene, de prophylaxia, o que lhe cumpre é evitar as doenças, já pelos meios materiaes de que dispõe, já pelo ensino de praticas elementares e cuidados, em cuja observancia reside innumeradas vezes o meio unico de impedir o apparecimento ou a propagação de determinados males, dos que mais commumente atacam os collegiaes.

Até agora os medicos escolares têm vaccinado e revaccinado os alumnos e o pessoal das escolas ; têm obtido enorme melhoria quanto ás condições de asseio das crianças ; têm recommendado e obtido a adopção da caneca individual ; têm evitado se alastrem muitas doenças ; têm curado outras ; têm providenciado quanto

á bôa distribuição de luz ; têm organizado classes ao ar livre ; têm encaminhado innumerados alumnos para os Postos de Prophylaxia Rural, onde se lhes dá assistencia medica e remedios.

Além disso, e comquanto pouco se tenha obtido em relação ao muito que se deseja, têm os medicos intervindo bastas vezes junto aos proprietarios para obter melhoramentos e concertos nos predios ; têm providenciado quanto ao abastecimento d'agua, quanto á pintura dos quadros negros, remessa de talhas com filtros, etc.

E' pouco ? Talvez ; mas é o que tem sido possivel.

Ainda ha muito e muito para fazer, e se fará de certo, passada esta phase premunitoria e providos os medicos de recursos, de que ainda carecem e dentre os quaes sobreleva o meio em que devem desenvolver sua actividade, isto é, o predio escolar.

O material escolar é outra questão de que se não têm esquecido os medicos.

Infelizmente, porém, as precarias condições financeiras da Prefeitura não permittiram ainda se fizesse a remodelação necessaria, adoptando tambem um typo de carteiras para adultos.

Quanto aos anormaes, cuja observação já foi feita por diversas vezes, ainda não foi tambem possivel resultado efficiente, nada obstante os esforços dispendidos pelos medicos escolares, aos quaes cabe, no caso, suggerir, mas não executar providencias.

Continuam assim os anormaes, coitados, a estorvar o ensino com a sua presença de ronceiros, cabisbaixos, a servir de chufa á garridice dos outros...

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças
e para Casa

Parc'Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E
ENXOVAES PARA COLLEGIAES

E que culpa nos cabe de tal situação, se as escolas para anormaes continuam a constituir apenas mero assumpto de dissertações?

As classes ao ar livre têm dado magnificos resultados.

Cumpré, portanto, institui-las em todos os districtos, como providencia realmente das mais salutaes no que respeita á robustez da criança, pondo assim um antepáro valioso ao assalto trahicoeiro da tuberculose, sempre de alcateia, a espreitar o momento propicio da investida.

Até hoje, porém, não foi possível formar classes ao ar livre em todos os districtos.

Mesmo na zona rural nem sempre se pode fazer, ora por deficiencia de sombra, ora por absoluta falta de espaço,

pois ha predios, e até *proprios municipaes*, com terreno que mal deveria bastar ao recreio duma duzia de crianças!

Deante do que ahí está e que é a expressão franca da verdade, parece-nos que não ha motivo para tanto se mal-dizer dos medicos escolares.

Nem são tão seductores e invejaveis os proventos da sinecura amaldiçoada, para a qual tão ternos olhos reviram muitos dos seus mais tremendos e iracundos... apaixonados.

As cousas de longe attrahem e seduzem. Penetrai-lhes, porém, a intimidada, e um a um ruião todos os encantos.

E' assim o mundo...

FRANCISCO PRISCO

3-10-23

DESENHO

Escola Normal Nacional de Arte Applicada

(Ruy Barbosa)

(continuação)

Quem percorrer os relatorios do jury internacional da exposição de 1878, cuja collecção completa temos em mãos, encontrará, por toda a parte, as mais rigorosas demonstrações e as reclamações mais instantes sobre a necessidade do cultivo do desenho. Os relatores das classes 17 e 18, por exemplo, deploravam que o desenho ainda não constituísse, na França, parte *obrigatoria da instrucção elementar*. «Só as tres grandes raças latinas», diziam elles, «têm-se mantido estacionarias neste assumpto: a França, a Italia e a Hespanha ainda aguardam a introducção do ensino obrigatorio do desenho.» Os relatores da classe 19, alludindo a Inglaterra, escreviam: «A fundação do collegio de South Kensington e principalmente a do immenso museu que lhe é annexo, foram uma revelação para a nossa patria, que comprehendeu a força *incalculavel* que semelhante instituição não tardaria em dar ao povo inglez.» O relator da classe 24, referindo-se ao immenso progresso artistico e fabril desenvolvido, nestes trinta annos, por varios

paizes, attribuia-o, como consequencia absolutamente indubitavel, «às escolas de desenho.» O relatorio geral acerca da exposição das artes decorativas, accentuando vivamente o perigo, em que se achava a França, de perder a sua antiga realza nas artes industriaes, se não se dispuzesse aos multiplos sacrificios precisos para entrar em competencia com o desenvolvimento da educação artistica entre as suas rivaes, observava: «As exposições internacionaes têm-nos dado, a este respeito, numerosas advertencias. Vagos symptomas haviam-se manifestado, em Londres, no anno de 1851; já em 1855, em Paris, se faziam sentir os fructos bemfazejos colhidos pela Inglaterra da fundação do *South Kensington Museum*, que data de 1852; mas quando principalmente se manifestou o perigo, foi na exposição ingleza de 1862; e Napoleão III não hesitou em assignalal-o nitidamente aos francezes, na cerimonia da distribuição dos premios, celebrada nas Tulherias. As exposições de 1867 em Paris e de 1873 em Vienna confirmaram

plenamente os receios com tanta franqueza exprimidos em 1862.» Qual era, porém, a medida salvadora, que o representante do jury internacional indigitava á França? Pura e unicamente a imitação da reforma ingleza de 1852, com a sua vasta base na escola de Kensington, «cujos resultados para a Inglaterra têm sido *prodigiosos*.»

«Commissões nomeadas pelos governos da França, da Inglaterra, da Belgica, da Allemanha», notava, ha cinco annos, um escriptor americano, num dos livros mais interessantes que sobre este assumpto se têm escripto, «examinaram cabalmente esta questão e *todas* são accordes em concluir que, não só os interesses do commercio, *como os da sociedade* requerem a admissão do desenho *entre os estudos da escola elementar*. Alem da vantagem, que por este modo se obtem, de uma cultura superior, afirma-se que, para crear, e manter as industrias em cujo desenvolvimento concorrem o gosto e a belleza, cumpre *ensinar o desenho á infancia em todas as escolas*. A sabedoria deste systema tem se provado pelos efeitos da sua pratica.

Este especialista, como todos os que com autoridade têm tratado desta materia, é de opinião que as creanças, «desde que entram em idade de frequentar a escola (*as soon as children are old enough to go to school*), devem encetar o estudo dos elementos de desenho.»

«Não exprimo assim», acrescenta elle, «um juizo precipitado de alguns individuos, mas a madura convicção de *todas* as autoridades em questões de ensino entre as grandes nações europeas.»

Um dos relatorios apresentados, em 1880, ao congresso internacional do ensino em Bruxellas, expendia estas considerações: «Para os operarios o desenho é tão util, *quanto a leitura e a escripta*»; póde-se, até, generalizar este axioma, dizendo que a elles o desenho é *mais necessario* do que uma e outra; visto como póde-se saber o officio, e ser habil artifice, sem ler, nem escrever; mas não, sem comprehender o desenho... As escolas primarias têm principalmente por fim o desenvolvimento intellectual dessa classe, e, pois, devem timbrar sobretudo em ensinar os elementos da geometria e do desenho, por força da mesma razão que os da escripta e do calculo... Seja qual

fôr a carreira, a que o homem se destine, quer se prepare para operario, quer se dê aos estudos scientificos ou artisticos, *o desenho deve constituir a base do ensino na escola popular*... Só quando se houver generalizado o ensino do desenho, introduzindo o *obrigatoriamente* em *todas* as escolas, e com *especialidade nas escolas populares*, onde caminhe lado a lado com os elementos de geometria pratica e os demais ramos de estudo, é que a instrucção assumirá o caracter de utilidade geral e popular, attingindo *o verdadeiro fim, a que deve tender*.»

Podemos, portanto, sem receio de erro, afirmar, como o relatorio belga da exposição de Paris, que o desenho constitue hoje «parte integrante das primeiras disciplinas, começando a par da leitura e da escripta, ou, até, antes dellas.» Não tardará mesmo em ser considerado, por toda a parte, «como um dos ramos principaes» da educação elementar. Esta conclusão, de que rapidamente se estão approximando todos os povos civilizados, é rigorosamente scientifica e facilmente demonstravel. «Tendo a escripta vindo após o desenho, na historia humana, é pelo desenho que se ha de inaugurar a escripta. A mesma natureza o está indicando: *todas as creanças, de sua natureza, desenhão*. Reunam-se ao acaso meninos de todas as raças; dê-se-lhes carvão, ou giz, e elles desenhão. O calculo é indispensavel ás primeiras operações do espirito: o desenho é imprescindivel para as fixar. Demais o desenho serve de introducção a todas as artes graphics; e, além de que presta eminentes serviços á industria, tem a vantagem de centuplicar as forças da memoria.»

Do conjuncto dos argumentos e autoridades que mui de intento acabamos de amontoar pacientemente, segue-se:

1.º Que o desenho é um doté accessivel a todos os homens, e não um privilegio dos artistas por vocação e profissão;

2.º Que, na ordem pedagogica, bem como na ordem historica, o desenho *precede a escripta*;

3.º Que o seu ensino deve principiar desde os primeiros passos da creança na cultura do espirito, isto é, *desde a entrada no Kindergarten*;

4.º Que, longe de sobrecarregar o

programma, elle o amenisa; longe de retardal-o, só lhe faz ganhar tempo; longe de dificultar os outros estudos, facilita-os, e auxilia-os enormemente;

5.º Que é um elemento essencial ao cultivo das faculdades de observação, de invenção, de assimilação e retenção mental;

6.º Que a sua generalização como disciplina inseparavel da escola popular é uma das forças mais poderosas para a fecundação do trabalho e o engrandecimento da riqueza dos Estados.

Destas propriedades inestimaveis, que o caracterizam, provém a sua accelerada propagação por toda a face do mundo civilizado, como parte natural, commum, necessaria do plano escolar.

Na Allemanha em geral elle faz essencialmente parte do ensino primario. Na Prussia, segundo o regulamento geral de 15 de outubro de 1872, todas as creanças devem praticar na escola o desenho geometrico e artistico; para o que se consigna o espaço de quatro horas semanalmente. Ha, nesse paiz, até, escolas de aperfeiçoamento, cujo objecto é exclusivamente o desenho. Na Baviera, onde, já em 1811, os textos officiaes o prescreviam, esse ramo de instrucção foi effectivamente admittido nas escolas normaes em 1866, e em 1872, ou 1873, nas escolas urbanas. O Wurtemberg, onde, já em 1867, existiam sessenta e quatro escolas de arte em plena actividade e prosperidade antecipou-se á Baviera nesse melhoramento. Em 1872 já esse ramo de instrucção estava consideravelmente vulgarizado nas suas escolas, onde as creanças desde mui cedo o encetavam; sendo que, de mais a mais, já nessa época eram quinhentas, para uma população de 1.748,328 habitantes, as escolas especiaes, em que elle se professava. Na Saxonia, a lei de 1873, que reformou a instrucção popular, imprimiu o character de obrigação ao curso de desenho, ainda nas escolas mais elementares, em muitas das quaes, todavia, já antes disso elle era cuidadosamente practicado. O grão-ducado de Baden seguiu de perto o Wurtemberg e a Baviera, levando-lhes, até, a deanteira quanto á introducção do desenho nas aulas do sexo feminino.

De 1870 para cá o movimento reformador neste sentido apressou-se consideravelmente. A Allemanha de quem a

França tanto tem aprendido neste periodo, deve por sua vez á sua rival as mais uteis inspirações. «A ultima guerra deu á França uma proveitosa lição; da França, porém, desbaratada, prostrada, e, todavia, pagando promptamente os milhares do resgate que se lhe impoz, a Prussia recebeu tambem uma lição; e» (dizia, ha quatro annos, M. Stetson) «cogita em aproveitall-a.» O delegado austriaco na exposição de Vienna escrevia, no relatório official: «Immediatamente depois da guerra com a França, o ministerio do commercio e industria, por uma circular, exhortou as autoridades das varias cidades industriaes da Allemanha a seguirem o exemplo da França na organização das escolas de desenho e arte industrial, chamando-lhes a attenção para a importancia industrial dessas escolas, assim como para o facto de que ellas constituem a base da riqueza da França.»

Especialistas da mais alta competencia apontam na Austria, d'entre todos os paizes europeus, o mais profundo reformador em materia de ensino. «Desde o seu desbarato pelos Prussianos em 1866 dedicou-se ella á educação do povo, resolutamente deliberada a recuperar, mediante as vantagens de uma industria educada, quanto perdera no campo de batalha. As suas escolas de instrucção popular, que Horacio Mann, em 1845, classificava entre as peiores da Europa, indigitam-se hoje em dia, na opinião de uma excellente autoridade (John D. Filbrick), como «as melhores, quanto á organização, quanto ao curso de estudos, quanto ao character do ensino.» Ora, é tambem nas suas escolas que o desenho se cultiva mais escrupulosa, racional, e efficazmente; e nota-se que a todas as outras tem levado sempre vantagem aquellas que primam pela excellencia dos professores, tem tido a fortuna de obter para o exercicio dessas funcções especialistas superiores, que percebam o nexo entre o desenho e a educação geral, como elemento integrante de toda a instrucção. Introduzidas nas escolas de repetição em 1863, e no ensino primario em 1869, as noções de desenho geometrico e artistico entraram, graças á lei de 20 de agosto de 1870, que reformou a instrucção elemental (*Volksschulgesetz*), no programma obrigatorio do ensino commum. «Hoje», diz uma eminente autori-

dade européa, «esse ensino abrange, na Austria, toda a escala da instrucção publica: *Volksschule—Bürgerschule—Mittelschule*, etc., até á Academia Imperial e Real, sem a menor solução de continuidade» Sob essa legislação, completada pelo regulamento official que, nas suas varias secções, traz as datas de 7 de agosto de 1872, 9 de agosto de 1873, 6 de maio de 1874 e 2 de junho de 1877, o ensino do desenho, não só «representa um papel capital nos primeiros annos da instrucção popular», como se espraia por uma immensa organização de escolas e institutos technicos: as *escolas de officios (Gewerbeschulen)* (cathogoria em que entram as subvencionadas pelo Estado em Vienna, Salzburg, Graz, Pilsen, Reichenberg, Brünn, Bielitz e Czernowitz); as *escolas especiaes de arte applicada (Kunstgewerbliche Fachschulen)*, cujo numero sobe a 38, distribuidas pela Austria inferior e superior, o Tyrol, o Voralberg, Bohemia, a Karinthia e a Moravia; emfim, as *escolas superiores e geraes de arte applicada á industria (Kunstgewerbeschulen)*, eminencia reservada até agora á escola annexa ao *Museu Austriaco*. Ao influxo dessa reforma grandiosa bastou o curto periodo de seis annos (fins de 1867 a meados de 1873), «para fazer brotar de um terreno grato, mas inculto, uma serie de industrias de arte florescentissimas!» Não se enganara, pois, a direcção do *Museu Austriaco*, quando, na *Memoria* submittida ao governo em 3 de março de 1866, sobre a necessidade urgente da instituição de uma escola de arte applicada, asseverava: «A raiz dos males que tão a fundo atacam a prosperidade nacional, consiste na defficiencia do ensino do desenho e na falta de escolas especiaes, que abram caminho para as escolas superiores.»

Na Hungria o desenho entra em todas as quatro classes da escola primaria. Este ensino, não só figura como disciplina essencial e de primeira ordem nas *escolas reaes*, mas tambem é obrigatorio nos *gymnasios*. Para imprimir unidade e harmonia á sua distribuição, fundou o Estado a *Escola Nacional Hungara de desenho* e o *Seminario* (escola normal) de professores de desenho, que funcionam desde o 1º de novembro de 1874.

Em varios cantões suissos não é menos vasto o logar do ensino do desenho

na educação popular. A Dinamarca, entre cujos resultados escolares, na exposição universal de 1878, sobresahiam com brilho trabalhos de desenho devidos a creanças de 10 a 14 annos, estende obrigatoriamente a todas as escolas, além do desenho linear, o desenho de ornato. As escolas primarias superiores, na Suissa inscrevem no seu programma o desenho de imitação. Na provincia russa da Finlandia esta disciplina, sob a lei de 11 de maio de 1866, faz parte igualmente do curso escolar. Na Hollanda é legalmente obrigatoria desde a lei de 1857, confirmada, quanto a este ponto, pela lei de 17 de agosto de 1878, art. 1º.

A Belgica, de cujo adeantamento na cultura artistica o mundo inteiro formava o mais elevado conceito, admirando, como typos de organização e de methodo, as suas academias de bellas artes, as suas escolas de desenho e, com especialidade, as suas escolas industriaes, não descançou na importancia dessas vantagens, e descobrindo-lhes a insufficiencia encetou, nestes quatorze annos, um vigoroso movimento, tendente a uma reforma radical no seu systema de instrucção. O primeiro signal da agitação partiu do congresso industrial, celebrado em Bruxellas no anno de 1868, com o fim de discutir os melhores planos e processos do ensino do desenho. Um dos votos dessa assembléa pedia, como necessidade urgente, a admissão geral dessa disciplina em as escolas municipaes. No dizer de M. Lejolais, representante de Paris nessa reunião, «o ensino, em relação ás creanças, havia de começar pelo conhecimento das formas, habituando-as depois a acompanharem, o discernirem a transformação das formas exactas em formas ornamentaes. O estudo do desenho, na sua primeira instancia, desenvolve a intelligencia do menino, ensinando-o a ver. Ver com a percepção do desenhador é crear o sentimento da observação exacta e da analyse fiel, resultados que se podem alcançar mediante uma serie de exercicios attractivos.» Em 1871 M. Kervyn de Lettenhove, ministro do interior, expediu uma carta circular aos inspectores de instrucção primaria, chamando-lhes a attenção para a importancia da reforma que na Inglaterra e na capital da França, admittira nas escolas o desenho. Nesse documento, depois de argumentar

concludentemente, mostrando a conveniência da mesma medida para o seu paiz, dizia: «Cumpro, conseguintemente, distribuir o ensino do desenho em todas as escolas normaes, mediante professores capazes; e, para obter este resultado, não hesitará o governo em alargar as remunerações, que de presente se concedem.» O ministro appellava, emfim, para a colaboração das communas e provincias, observando: «E' uma questão de interesse nacional, desde que o seu principal objecto consiste em fomentar o progresso da industria e o desenvolvimento do senso artistico do paiz.» Desde o anno de 1877 essa aspiração foi convertida em realidade naquella nação, onde a lei do 1º de Julho de 1879, art. 3, comprehendendo o desenho entre as materias que

compõem «necessariamente» o programma elementar. A Escola Modelo da Liga do Ensino, neste paiz, considera o desenho como «uma das bases do systema de instrução escolar». A essa disciplina se consagra diariamente, em todas as classes uma hora. O desenho linear é combinado com as licções de geometria, o calculo intuitivo e o levantamento de planos. Começando por desenhar secções realmente praticadas, em todos os sentidos, sobre objectos de pequena extensão, o alumno passa depois a conceber, e desenhar secções imaginarias. Nas classes superiores se exercita cumulativamente o discipulo no desenho de ornato, no desenho da cabeça humana, no desenho architectural e no levantamento de toda a especie de planos.

KOLINOS

O creme dental scientifico antiseptico e germicida. Produz na bocca uma exquisita sensação de asseio e limpeza que perdura muitas horas depois de tel-o usado.

EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas em qualquer epoca, pelo preço de 9\$000 por anno.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

As collecções dos annos anteriores, de 1916-17, 1917-18, 1918-19, 1920-21, 1921-22 e 1922-23, são vendidas na mesma redacção ao preço de 9\$000 cada anno, em avulsos, e 10\$000 em volumes cartonados. Os pedidos de collecções pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$, por collecção annual, para o registro postal.

HEITOR RIBEIRO & C.

Papelaria = Artigos para Escritorio e Desenho
Papel e Livros em branco

Typographia, Lithographia, Pautação e
Encadernação

R. da Quitanda, 88, 90, 92

Officinas: R. do Rosario, 87

Telephone Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEBO RIO DE JANEIRO

Os professores gozarão de abatimento

VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes

Camisaria - Gravataria Roupas
feitas Tecidos de lã e algodão

35, RUA DOS OURIVES, 35

RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio

II. — A ESCOLA

Linguagem

SYNONYMOS—HOMONYMOS—ANTONYMOS—
PARONYMOS

Ha palavras que se grupam como familias, e esse grupamento se póde fazer sob diferentes aspectos ou modalidades.

I—Pela significação, mais ou menos identica, as palavras se chamam *synonymas* ou *equivalentes*, quando uma póde facilmente substituir a outra.

Exemplos:

alegria—prazer—júbilo—contentamento—regosijo;

bello—bonito;

semanal—hebdomadário;

cume—cimo;

immortal—immorredouro;

porto—ancoradouro;

etc—etc.

Quando as palavras, *equivalentes* ou *synonymas*, se formam de uma mesma raiz—com suffixos ou prefixos diferentes—se dizem *familias grammaticaes*.

Exemplos:

pastagem—pasto

fortaleza—forte

montanha monte

preparo—preparação—preparativo.

II—Ha familias cujas palavras são inteiramente iguaes na escripta e na pronuncia, mas diferentes na significação ou na funcção: a esses vocabulos chamaremos *homonymos perfeitos*.

Exemplos:

canto (angulo)—canto (verbo)

morro (collina)—morro (verbo)

acha (lenha)—acha (verbo)

escolho (recife)—escolho (verbo)

verão (estação do anno)—verão (verbo)

Quando os homonymos se destacam pela identidade de graphia, se dizem *homographos*.

Exemplos:

cara—cará

fôrma—forma

secretário—secretaría

para—pára—Pará
sêde—séde

Quando se distinguem unicamente pela analogia de sons, se dizem *homophonos*.

Exemplos:

paço—passo

houve—ouve

cella—sella

secção—sessão

vês—vez

nós—noz

chylo—kilo

facto—fato

aço—asso

III—Ha outros grupos cujas palavras têm significação diametralmente oposta: são os *antonymos*.

Exemplos:

joven—velho

forte—fraco

preto—branco

norte—sul

descer—subir

A's vezes basta a presença de um prefixo para que se dê a opposição de sentido.

Exemplo:

justo—*in*justo

crescer—*de*crescer

armado—*des*armado

enrolar—*des*enrolar

IV—As fórmulas que, não sendo *synonymas* entre si, apresentam entretanto uma ligeira semelhança na escripta e na pronuncia, se dizem *paronymas*.

Exemplos:

dilatar—delatar

eminente—imminente

differir—deferir

descripção—discrição

Com os homonymos que vão indicados, podem os alumnos fazer um exercicio de formação de phrases.

Acta—registro de qualquer acto solemne,

- publico ou particular, em livro especial.
- A *acta* que não fôr assignada pelo presidente não se considera legal.
- Ata*—(verbo atar)—apertar por meio de um nó; ligar; prender, segurar, amarrar.
- Julia ata, com muita graça, a fita nos cabellos.
- Ata*—fructo do Brasil e da Africa; o mesmo que *fructa de conde*.
- São deliciosas as *atas* que recebemos do Ceará.
- Cometa*—astro constituido por um ponto brilhante envolvido por uma nebulosidade, e, algumas vezes com um rasto luminoso; gyra, como os planetas, em torno do sol.
- Já foram observados mais de setecentos *cometas*.
- Commetta*—(verbo commetter)—praticar, fazer.
- Ninguem *commetta* o crime persuadido de que não será conhecido.
- Summo*—supremo, elevado, excelso, poderoso, extraordinario.
- O Papa é o *summo* pontifice da igreja catholica.
- Sumo* — succo nutriente das plantas e dos animaes; liquido expremido de certas substancias vegetaes.
- Os indigenas costumavam passar nas flexas o *sumo* de hervas venenosas.
- Sumo* (verbo sumir ou sumir-se) desaparecer, retirar-se, esconder-se, apagar-se.
- Eu me *sumo* desde que appareçam os meus desaffectedos.
- Chamma* — porção de luz ou especie de auréola luminosa, que se eleva de materias incendiadas; combustão de certos gazes.
- O oxygeno queima produzindo uma bella *chamma* azulada.
- Chama* — (verbo chamar) clamar, gritar, nomear, apellidar, escolher.
- *Chama* tua irmã; são horas do estudo.
- Cerrar* — fechar, encostar; apertar, unir, atar rijamente.
- E' necessario *cerrar* a porta por causa do vento.
- Serrar* — cortar, dividir com a serra.
- Por que não consente em *serrar* o banco, se o acha alto?
- Ema* — ave pernalta, peculiar da America, notavel pela rapidez e docilidade.
- A *ema* e o avestruz fornecem bonitas pennas.
- Emma* — nome de baptismo de mulher.
- A nossa visinha, D. *Emma*, é uma senhora dotada das mais bellas virtudes.
- Soar* — produzir som; echoar, retumbar, tanger, tocar.
- «Eu nunca fiz *soar* os meus cantos nos paços dos senhores...»
- Suar* — verter suor, transudar, transpirar.
- Quando se estiver a *suar*, não se deve beber agua muito fria.

AMERICA XAVIER M. DE BARROS

O verbo Haver

MINHA COLLEGA

Acho que poderás no teu 5º anno ensinar toda a syntaxe do verbo haver, sem que o alumno perceba a grande dóse de conhecimento que lhe estás dando. O ensino de grammatica deve ser feito na leitura, sem que obrigues o alumno a decorar, quasi sempre sem proveito, as demasiadas regrinhas.

Mostra sempre na leitura todas as categorias grammaticas; explica e faz com que os alumnos deem exemplos seus, puramente seus; terás assim certeza de que elles te comprehenderam.

E porque razão não poderás dar o verbo haver com todas as suas minucias, ao teu 5º anno—creanças que já conhecem bem os verbos regulares e irregulares—impessoaes, defectivos, etc.

Tenho, com pezar, observado que as nossas collegas se prendem muito ao programma quanto ao portuguez e á arithmetica. E' um erro.

Desde que a creança comprehenda o que lê, saiba as categorias bem, sem hesitação, poderemos ensinar-lhe tudo com todo o seu desenvolvimento.

Tratemos da nossa questão: verbo *haver*.

Hoje o alumno encontra o verbo conjugado em todas as pessoas, amanhã encontra esse mesmo verbo conjugado impessoalmente, ora, devo sem demora, explicar-lhe as razões por que e pedir-lhe exemplos, depois de muitissimo bem explicado o assumpto.

Porque serei eu obrigada a esperar que a creança chegue ao 6º anno, para explicar-lhe a syntaxe do verbo?

Não ha razões para tal absurdo.

E ademais, a leitura muito nos auxilia o estudo de grammatica; não teremos necessidade de abarrotar o cerebro das creanças com apostillas, muitas vezes, mal redigidas...

Façamos leituras diarias em nossas classes, e estudemos, em palestras, as palavras com todos os seus segredos.

A creança não se cançará, e em pouco tempo terá uma grande dose de conhecimento sobre a lingua materna.

Assim procedo eu com as creanças que me confiam, tendo obtido extraordinario resultado.

E creanças ha, intelligentes, que nos assaltam com perguntas e mais perguntas e, ás vezes, interessantes e curiosas; vemo-nos na obrigação de tirar-lhes todas as duvidas, com clareza e firmeza; excedemo-nos, quasi sempre, nas explicações porque achamos que o cerebro dessas creanças acceta perfeitamente tudo o que lhes ensinarmos.

Devo eu deixar essas creanças na ignorancia porque não estão nesta ou naquella classe? Não, absolutamente não.

Repito, desde que a creança leia com desembaraço, saiba contar o que lê, conheça as categorias grammaticas, não ha prejuizo em ensinar-lhe a nossa lingua, com todo o seu desenvolvimento.

Quando, em minha classe, em Banggu, falei sobre o verbo *haver* procurei *trechos de leitura* em que houvesse todos os casos, e, expliquei aos alumnos mais ou menos, como poderás ver neste meu esboço de lição:

«O verbo haver serve de auxiliar— a cada passo o encontramos em nossas leituras, sempre em companhia de outro verbo, fazendo-lhe sombra; mas o temos tambem encontrado só, isolado e neste caso sempre no singular.

Vejamos:

Hontem houve muitos doces na nossa festa.

Temos ahi o verbo haver no singular, a despeito de nos dar a noção clara e precisa de existir; temol-o conjugado impessoalmente.

Neste caso, o sujeito é indeterminado; temos apenas objecto directo.

Recahiriamos em erro grave, si dissessemos:

«Hontem houveram» etc.

O verbo haver tambem pode ser empregado como *adjuncto adverbial*.

«Não o vejo ha mais de um mez».

Analysemos a phrase.

Sujeito—eu—oculto—

Predicado—

Adjuncto adverbial de tempo—ha mais de um mez.

Quando elle se apresenta significando *ter*, vem sempre como auxiliar ao participio passado.

As moças *haveriam enterrado* o pé na lama se eu não as empurrasse.

Haveriam conquistado a minha amizade se não fossem tão ignorantes.

Os preços marcados nas perfumarias expostas na
"PERFUMARIA A' GARRAFA GRANDE"
não admittem confronto.

66, Rua Uruguayana, 66 --- RIO

Um outro caso, é aquelle em que empregamos o verbo haver, com a significação de ter, porém, abraçado, ligado, ao infinito por preposição.

«Não sei como me hei de conduzir junto a menino tão raivoso.

Um outro caso, aliás interessante, é o verbo haver com a significação de *conduzir-se, portar-se*.

«Não sei como me hei de haver junto a Martha...

Eis ahi o resumo.

Põe de lado o programma quanto á linguagem e á arithmetica, e aproveita o quanto puderes a intelligencia e a boa vontade das tuas creanças.

Tua

COEMA HEMETERIO

Através das Revistas

CULTURA DA MEMORIA

Sem a memoria, sem possuirem os alumnos essa faculdade de reterem o que se lhes ensina, o trabalho do professor seria de todo inutil na escola; porque o nosso principal objectivo no ensino é obter que sejam elles bons observadores, que pensem, que raciocinem e que façam. Mas antes de tentar isso, é necessario que se lembrem do que aprenderam, o que não quer dizer que retenham tudo de memoria, absolutamente não. Depois de um dia de escola, quasi toda a materia ensinada vai ser esquecida, sem o que a memoria ficaria sobremodo carregada, e então teremos simplesmente de exigir dos nossos alumnos a collecta do essencial e mais importante, fazendo elles proprios a selecção e desprezando toda a materia sem valor.

De que modo havemos de fixar na memoria um acontecimento, um principio novo, um texto, ou a passagem de uma poesia ou trecho de prosa? Ha duas maneiras seguras e faceis de o obter: Primeiro que tudo o trabalho tem de ser feito por uma repetição frequente. E' sabido que muitos pares de palavras e idéas são levados á memoria pelo facto de estarem constantemente juntas, em juxtaposição; assim é que nós aprendemos os nomes das pessoas que nos cercam, as

phrases familiares e as orações, a situação e a apparencia de varios edificios, etc. Quando qualquer dessas idéas vem ao cerebro, a associação das outras occorre immediatamente sem o menor esforço.

A' força de muita repetição, frequente, podemos decorar uma passagem qualquer, até mesmo sem nenhuma significação, mas isto é o resultado de um *atochamento* da memoria, mas nunca o ideal do methodo racional de aquisição. Repetição, e nada mais, é o meio adquirido de supprir a memoria de material conveniente.

A segunda condição para *lembrar* é o interesse ou *sympathia* que nos desperta aquillo que pretendemos aprender. E' consideravel tudo quanto se adquire simplesmente pelo interesse, com a vantagem de ser aprendido com facilidade e poder, quando é cousa complexa, ser retirado pela memoria sem recapitulação. Entretanto, ha casos em que o interesse falha, é quando temos de tratar com as materias que, apesar de interessantes, são longas ou complicadas, impossiveis de ser assimiladas com uma só impressão.

Mas a repetição e o interesse não produzem resultado satisfactorio, quando applicados em separado; pela combinação dos dois é que a memoria póde ser educada em perfeição e intelligentemente supprida de material para o uso futuro.

O professor tem continuamente de procurar produzir impressões vividas, as quaes quanto mais vividas são, mais facilmente actuam no cerebro, porque a vividez desperta interesse. O professor tem, ainda mais, de provocar interesse especial para cada um dos assumptos, e os assumptos escolhidos devem estar em relação quanto possivel com os interesses do lar, porque estes constituem sobre todos a vida real da criança.

As lições serão sempre revistas, mas essa revisão ha de ser variada no seu processo, si quizer manter o mesmo interesse, principalmente quando tratar com alumnos de tenra idade. E o professor estará sempre attento para verificar quando já é sufficiente a recapitulação, sem o que resultará a monotonia, tornando-se a revisão nulla nos seus effeitos.

Tenhamos sobretudo em lembrança que a falta de vividez jamais será compensada pela repetição, por mais completa e variada que esta seja.

Ao traçar o schema para uma lição, o professor deverá sempre calcular que precisa pôr em acção mais de um dos sentidos da criança. Para as lições é o quadro negro, si devidamente usado, um excellente auxiliar da memoria, mas ahi sómente entrará o essencial e nada mais. Por esse meio o sentido da vista bem assim o do ouvido entram em jogo, e todos nós sabemos quanto é mais facil lembrar-se a gente do que viu que do que ouviu, falando-se de um modo geral. Resulta daqui a importancia de um sumario no quadro negro, vivido, rico de pensamentos e bem compilado. Poucos methods haverá, si os houver, capazes de supplantar um bom ensino oral condensado e illustrado dessa maneira.

Para o ensino do desenho a mesma cooperação de sentidos é necessaria. A pratica commum é collocar na frente da classe o objecto a desenhar, permitindo que todos os alumnos o examinem por algum tempo; depois removel-o ou cobril-o, exigindo que o desenho se faça. O resultado é falho quasi sempre. Mas, si durante a observação e exame do objecto, fôr permittido aos alumnos approximar-se d'elle e traçar com os dedos o seu contorno, a forma do objecto ficará muito mais fundamente impressa, antecipando trabalho de resultado mais effcaz.

Toda noção adquirida necessita estar ligada a uma outra já existente, e isto se faz por comparação ou por contraste da nova com a antiga, e a experiencia nos tem mostrado que entre o contraste e a similhaça, aquelle é o menos poderoso, mas ambos devem ser empregados com vantagem, porque ambos recordam ao alumno o que lhe foi ensinado. A propria criança deverá usal-os quando trabalhar sózinha.

Quando duas apresentações são levadas ao cerebro da criança conjuntamente ou em successão immediata, sendo uma resultado da sua similhaça ou contraste depois de considerada a sua relação, teremos presente uma forte associação das duas experiencias. Entre estas duas ha um élo ou conexão mental, de tal forma que a presença de uma tende a trazer a outra para o acto consciente.

Não ha experiencia mental que se possa considerar isolada de uma outra; nenhum acto mental se opera sem estar associado com qualquer um pensamento anterior. O professor de modo algum

póde desprezar estas leis de suggestão mental, e é sómente por meio de muita arguição e reproducção que elle póde certificar-se de que as connexões estabelecidas são precisas e sufficientemente fortes para resistir outras addições que possam occorrer.

Em que momento deve ser feito este treinamento? Tudo quanto affecta a memoria exige energia cerebral, devendo por isso aguardar as horas do seu maior vigor e frescura. A lição dita *facultativa* vem muito a proposito nos programmas para um pequeno exercicio deste genero. A criança póde ser arguida para reproduzir qualquer experiencia anterior, descrever uma cousa que tenha previamente visto ou lembrar um acontecimento passado. Ainda mais, uma palavra será tomada e escripta no quadro negro, e uma outra palavra suggerida pela primeira escripta ao lado della. A segunda suggerirá uma terceira, e assim seguidamente até que uma variedade de palavras seja obtida. As palavras serão então apagadas ou removido o quadro negro, para que as palavras ahi escriptas sejam repetidas pela classe. Por este modo os alumnos começarão com a primeira palavra e reproduzirão as outras por suggestão. Este exercicio assim feito, proporcionando por si mesmo grande variedade e crescente dificuldade, é de um valor inestimavel para o treinamento da memoria.

No estudo da musica, o que mais importa é a educação do ouvido, sem a qual o alumno jamais se fará um bom leitor musical. Temos então de educar-lhe a memoria do som. O professor fére uma nota, pede á classe que a ouça bem, com attenção, depois toca uma phrase musical, e pede aos alumnos que apontem o numero de vezes que a referida nota alli foi ouvida.

Nunca será demais exaltar no ensino o valor do desenho de memoria, porque elle requer observação minuciosa da parte do alumno e attenta e cuidadosa inspecção do professor; mas os resultados são tão commumente grosseiros, que o professor se desgosta e abandona o processo. E' que para se obterem melhores resultados, as lições não devem ser muito frequentes, mas se dedicará a cada uma o maior tempo possivel.

Ahi estão alguns dos meios que podemos empregar para a educação da memoria, os quaes podem suggerir mui

tos outros ao professor interessado no progresso da sua classe. Não ha lição de materia alguma que não se valha do trabalho da memoria, principalmente para o seu preparo, sem o qual ella será incompleta.

Em conclusão, aquillo que falha uma vez á memoria, não se segue que esteja completamente perdido; vae reaparecer sob uma forma inteiramente diferente da que foi concebido. O mundo dos pensamentos é como o dos vegetaes em que a semente renasce sob formas tão diferentes.

Ha ainda a lembrar os seguintes preceitos, que muito valem para o methodo correcto desta parte educativa: Quando simples factos ou raciocinios tem de ser reproduzidos, elles devem ser transmittidos na linguagem da propria criança; sómente devem ser confiados á memoria a forma e a substancia de cousas expressas por palavras que, abrangendo um facto ou uma verdade capital, tenham propriedade e belleza especiaes. Taes preceitos de par com a integralidade, isto é que a cousa aprendida possa ser reproduzida nos seus detalhes e em qualquer tempo, constituem o grande instrumento educacional para a ampliação e desenvolvimento da memoria.

A. J.

Tres Palavrinhas

Antes de entrar em materia tenho o imperioso dever de dar por estas columnas breve explicação ao snr. Osorio Duque-Estrada, eminente professor da Escola Normal e crítico litterario do *Jornal do Brasil*, onde tem particularmente timbrado em defender a boa linguagem portugueza, do que jamais lhe doam as mãos.

Dando noticia do numero de Agosto desta revista, fez-lhe o distincto professor os merecidos encomios, abrindo apenas excepção para o modesto artigo assignado pelo modestissimo pseudonymo que ainda hoje subscrive estas linhas. Que teria eu feito para lhe incorrer nas iras? Entende Osorio que propugnei o uso da francezia *élite*...

Quem leu o artiguete sabe perfeitamente que isso não é verdade. Si eu fosse sujeito irritavel diria, do alto de minhas tamanquinhas, em latim macarrónico, que ler e não entender...

etc. Não o posso, porém, fazer: primeiro porque, educado que me prezo de ser, não me irrito por dá cá aquella palha, tenho os nervos disciplinados e *stock* (com licença...) de bom humor; segundo porque a mim me merece o sr. Duque Estrada grande consideração. Meu antigo mestre de historia no tradicional Collegio Pedro II (talvez nem se lembre), Osorio é dos professores a quem mais tenho admirado e louvado. Louvo-o principalmente pelo zelo nunca desmentido, de que tem dado provas nos cargos de professor da Normal e de inspector do governo junto a estabelecimentos de ensino.

Eis, pois, motivos sufficientes para que eu me não recuse a appellar de seu juizo, que me parece errado. Não recommendei a francezia *élite*, que não emprego e cujo emprego censuro. Mas a verdade é que muita gente faz uso da palavra franceza, que é um desses vocabulos tidos quasi como internacionaes. A *élite* social, dizem muitos em vez de *o escol*, *a nata*, *a fina flor*. *Elite* é marca de cigarros, é nome de um milhar de casas de commercio por este Brasil fóra... E' em summa palavra largamente usada, ainda que legitimo contrabando. Si assim é, pensei eu, convém que pelos menos a pronunciem correctamente, e foi o que ensinei. Ter emendado a pronuncia viciosa, que é muito corrente, não significa de modo algum que eu haja sequer adherido ao uso da francezia. Pelo que me toca, trato de evitar os termos peregrinos todas as vezes que disponho da boa prata de casa, o que quasi sempre ocorre. Mas não posso obstar a que as palavras-estrangeiras superfluas sejam usadas por outrem.

Imagine o caro mestre que vá um homem a alguma solemnidade, enfarpellado de fraque, calças de listras e... sapatos amarelos cobertos de poeira. Eu, que o vejo, não posso concordar com os sapatos amarelos, porque destoa do código do Brummell, mas como sou amigo, acho que pelo menos devo fazer a esmola de lhe dizer que os sapatos estão sujos e que é preciso limpá-los. Pois é o caso... Não concordo com o uso de *élite*, *set*, *dandy*, e quejandos, mas desde que ha quem empregue taes palavras, ao menos sejam ellas pronunciadas com a devida correccão

Recorrendo de seu juizo, creia o distincto professor que espero ansioso a reforma do mesmo, e bem deve comprehender que, anonymo que sou, apenas me leva a escrever-lhe estas linhas a consciencia de ter sido mal julgado.

Para hoje escolhi tres palavrinhas que por ahi andam deformadas na bocca do povo.

Bonanchão—Quem não o conhece, o sujeito que está sempre bem disposto, que não se zanga, não se irrita, tudo perdôa? E' o *bonanchão*... Não, senhores! E' apenas o *bonachão*, sem aquelle *n* medio, intromettido, a nasalar a segun-

da vogal. *Bonachão*, *ona*, diz o Moraes, adj. augm. de Bom. Homem de bom natural, que está por tudo, de boa avença. O mesmo vale *bonacheirão*, *ona*, que Moraes considera ainda augmentativo de *bonachão*. *Bonacheirão* é o homem de bom natural e é tambem o adjectivo adequado ao que é proprio do bonacheirão. Conheço o Tio Pedro, que é um bonachão ou um bonacheirão. Pois o Tio Pedro, ainda os que o não conhecem juram que é sujeito de boa avença... porque *tem um ar* bonacheirão.

Para a maioria, porém, o Tio Pedro é um *bonanchão*, seu riso é *bonancheirão* como *bonacheirão* é todo o seu *ar*...

Convem corrigir este erro, que vae grassando por ahi fora, desde o Chui até o Cotingo, da ponta de Pedras ao Jaquirana...

Cacarécós.—Os cacos, trastes velhos de pouco valor ou sem valor algum, a caqueirada sem serventia, são, no Brasil, *cacarécós*. A palavra que os dictionarios registam como legitima é, comtudo *cacaréos*. Poderemos corrigir o erro? Tentemol-o, pelo menos. *Cacaréo* é certamente palavra derivada de *caco*, como *mastaréu* de mastro, *fogaréo* de fogo. Usa-se apenas no plural. *Cacaréco* nunca se disse em Portugal, mas é forma predominante no Brasil.

Prostergar.—A confusão do elemento latino prefixal *post* com o elemento *pro*, tambem latino, ou com o *pros* que

é grego, faz que o publico diga *prostergar* em vez de *postergar*, que é o certo. Muito devem ter influido para a confusão as palavras *prosternar*, *prosperar*, etc.. *Postergar* vem de *post*, para traz, e *tergum*, costas. Significa: deixar atrazado, ou para traz: desprezar, pospôr.

E' erro muitissimo frequente, e traiçoeiro. Eu já ouvi, com estas orelhas que a terra ha de um dia comer, *prostergar* pronunciado com aquelle *r* muito clarinho, da bocca de um dos mais eminentes oradores contemporaneos.

Correspondencia

HELENA.—Tem razão. Si os classicos tivessem sempre razão, estariam justificados todos os disparates. «Os classicos, dizia meu grande mestre, são os que erram *menos*.» Si um de nossos alumnos escrevesse: «Abraçou-o por *lhe* vêr derramar uma lagrima», assignalariamos a traço vermelho esse *lhe* injustificavel. Mas é de Herculano a frase: *Começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe vêr derramar uma lagrima*. Continue a emendar, que faz muito bem.

H. G.—São palavras de realce, ou locuções de realce, as que vão em negrito: *Aqui é que eu queria viver*.—*Foi lá que nasceu Henrique*.—*Nós é que não podemos dizer*. Qualquer outra analyse seria byzantinice.

MESTRE-ESCOLA.

KOLYNOS O creme dental scientifico antiseptico e germicida.
Branquea os dentes e fortalece as gengivas.

SAPATARIA DA MODA

Especialidades em calçados finos

Rua Sete de Setembro, 184 — Tel. 1745 Central

ALMEIDA AMADO

Os Funcionarios Municipaes devem fazer sua compras na Sapataria da Moda por intermedio do S. B. dos Empregados Municipaes pagando em 5 prestações mensaes, assim como com a apresentação do recibo social gasarão o desconto de 10% nos pagamentos á vista.

Chocolate e café Só

ANDALUZA

Fabrica—RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

A' minha filha Adelia

(V. HUGO)



C

REANÇA, ao pé de mim dormias rosea e loura,

Tal qual um Deus-Menino em sua mangedoura:

Um somno tão tranquillo, um somno tão formoso,

Que ouvir não te deixava uma ave na expessura;

E eu, a scismar, sorvia a ineffavel doçura

Do céu mysterioso.

E escutava em tua frente os remigios celestes,

E olhava o teu dormir, e sobre as tuas vestes

Desfolhava jasmims e rosas mansamente.

E ficava a rezar, tuas palpebras velando,

Com os olhos rasos d'agua, em cousas repensando

Que a noite inspira a gente.

Tambem, por minha vez, hei de eu dormir num leito

Tão triste e sem calor, todo de sombras feito,

Que o passaro a cantar, eu, tão pouco, o ouvirei

E a noite ha de ser negra. Então, piedosa e pura,

Lagrimas, preces, flôr, dar-me-ás á sepultura

O que a teu berço eu dei.

1921 — Dia de Finados.

E. Vilhena de Moraes

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

3º ANNO

Principaes serviços publicos da cidade

Continuamos hoje a palestra que iniciámos no passado numero da *Escola Primaria* a proposito dos principaes serviços que devemos ao Estado.

Insistimos em observar que as minucias a que por vezes temos descido não significam de modo algum que a nosso vêr se haja de fazer a completa explanação technica de taes serviços. E' preciso, sem duvida, informar, ministrar conhecimentos de ordem pratica, mas o que se deve ter particularmente em mira é fazer que o alumno, meditando no valor de todos os beneficios que deve á organização social, a esta se sinta apegado, e comprehenda que, vivendo em sociedade, a ella o homem deve quasi tudo

lizado, como oportunidades para prégar o evangelho da solidariedade humana e da disciplina social. Estes os dois pharoes que hão de conduzir o cidadão através das tormentas politicas e sociaes. Ensinemos-lhe como somos todos irmãos, os mais graduados e os mais humildes, como nos devemos dar as mãos e como nos devemos subordinar á disciplina de principios geraes preestabelecidos, para que progrida a patria commum, e para que a nossa passagem pelo globo represente alguma coisa na historia da civilização.

O estudo dos serviços publicos pode ser aqui ou ali pretextado para se descobrirem os desanimos, o scepticismo de alguns. Combatamos em nós mesmos e em nossos auxiliares esse pessimismo damnoso, esse scepticismo que entrava os melhores enthusiasmos. Si ti-

De onde nos vem nossa segurança, senão da reciprocidade dos serviços? A garantia unica de nossa vida, seu unico anteparo contra os subitos ataques, é esse commercio de beneficios. Supponde-nos isolados: que somos? Presa dos animaes, victimas imbelles. O homem está cercado apenas de sua propria fraqueza: despido e fraco é a sociedade que o protege... Não ha salvação para a sociedade senão no amor e no apoio mutuo.

Seneca — Dos Beneficios

que é bom. Quando tivermos feito comprehender isto, teremos realizado a melhor campanha democratica. Saiba o menino que á vida em sociedade devemos tantas vantagens; que a vida em sociedade exige a disciplina de todos, a subordinação geral ás leis; que o governo é o proprio cidadão, temporariamente investido da faculdade de mandar, e ha de ser sempre o esteio da ordem, o apostolo da solidariedade e o eficiente auxiliar da disciplina, sem a qual os agrupamentos de homens não podem ser nações soberanas.

De absoluta importancia para o ideal da formação e conservação da alma nacional, para a unificação espiritual indispensavel na democracia, é que o professor tome a exposição de todos os beneficios do Estado, de todas as vantagens que desfructamos em um paiz civi-

vermos queixas contra a administração publica, procuremos a satisfação dellas pelos meios legais, e ainda que nada obtenhamos, não instillemos jamais no espirito das crianças o veneno traiçoeiro da falta de fé.

Estas nossas observações não poderiam ser redigidas senão como o temos feito. Não se trata de «pontos», nem de capitulos de livro de instrucção pratica, nem de postillas. Dissemos e ainda agora julgamos necessario reiterar: «E' necessario que o ensino civico seja dado em forma de conversa, que pareça bem espontanea, embora suavemente, imperceptivelmente, guiada pelo professor habil, que a afastará de certos escolhos perigosos e difficeis e a conduzirá a assumptos de facil assimilação e de necessidade real.»

Nos paragraphos em que temos di-

vidido estas observações, e que versam sobre os diversos serviços publicos referidos no programma, temo-nos esforçado por organizar como breves portulanos, que possam guiar o professor nas palestras.

Limpeza. — Mostrar como sentimos a necessidade da limpeza. Já se disse que a civilização de um povo pode ser avaliada pelo consumo que elle faz de dois artigos: sabão e sellos do correio. Haverá seu tanto de exagero, mas boa dóse de verdade existe nisso. A limpeza pessoal, a limpeza das roupas, o asseio das casas, o asseio das ruas e praças, bem como as frequentes communicações pelo correio, são indices dos mais valiosos para se aferir o adeantamento dos homens.

Mostre como em nossa casa, na escola, nas lojas do commercio e nas officinas da industria ha constantemente produção de restos, de cisco, lixo, immundicie ou sujidade. Nem sempre são materias immundas ou asquerosas, mas a presença d'ellas nos incommoda. Assim, achamos que o soalho da sala de costura está «sujo» quando nelle existem sobejos e fragmentos de fazendas, ainda mesmo finissimas e caras, e de papel, linha, fitas, etc. Não nos sentimos bem em logar assim deixado sem limpeza e sem ordem. Ao lado de taes sobejos que sujam a casa, e que, torcendo segundo a necessidade o sentido da palavra, poderíamos denominar a «sujidade limpa», ponhamos as cascas dos legumes e dos camarões, e as escamas e visceras do peixe, e mais as pennas da gallinha, e todos os restos de comida, e teremos a immundicie normal, produzida pelo serviço domestico. Supponhamos um instante que toda essa sujidade se lança a um canto da cozinha. Quem poderá com o fetido que se vae desprender d'ali, e com o voejar e zumbir das moscas? Admittamos que não ao canto da cozinha, mas ao quintal, sejam lançados os restos. Não será grande a differença. Lá estarão as moscas, que depois nos virão encher a casa, e o fetido não tardará tambem a nos entrar a casa, trazido pelo vento. Só nos restaria um recurso: enterrar o lixo. Mas que trabalho iria exigir esta providencia!

Felizmente as coisas não se passam assim. Vivemos em uma cidade civili-

zada, e a administração publica, para evitar o aborrecimento dos moradores, e principalmente a irrupção de molestias perigosas a que a immundicie presta o melhor dos auxilios, providencia para que sejam diariamente retirados todos os detritos, os residuos produzidos pela vida domestica.

Todas as manhãs, brilhe o sol ou caia a chuva, passa pela rua a carroça do lixo e um homem musculoso, treinado no serviço, nos penetra em casa, balde enorme equilibrado na cabeça, a buscar o cisco, as immundicies. Lá vae elle á carroça, despeja o balde, e segue a entrar em casa do vizinho. Diariamente o vêdes executar a mesma faina. Acostumado ao serviço, já o proprio animal que puxa o vehiculo vae levando a carroça, ao chamado do cocheiro, sem que este lhe puxe os queixos.

Depois, todo o lixo da carroça é conduzido para longe, e depositado na Sapucaia, uma das ilhas de nossa bahia.

Tambem o leito da rua é varrido e o lixo carregado para a Sapucaia.

Se imaginarmos um instante os prejuizos enormes que nos acarretaria a parada dos serviços de transporte do lixo da cidade, não teremos duvida em reconhecer que é este um dos grandes beneficios que o cidadão habitante das cidades deve ao Estado, que o superintende.

Consiste o serviço da limpeza publica em transportar para longe, ou em queimar o lixo das ruas, das lojas, officinas, escriptorios e domicilios; em remover os animaes mortos; em capinar as ruas, onde brota a vegetação entre as pedras e nas calçadas; em lavar as ruas e praças onde o calçamento exigem lavagem; em irrigar os logradouros, para que a poeira não se levante com tanta facilidade; em desobstruir os rios que percorrem a cidade e as zonas em torno d'ella.

São valentes e dedicados os homens que se empregam nesse officio! Si sahimos do theatro, encontramol-os, pela meia-noite, ou pelo começo da madrugada, a lavar o asfalto. Si sahimos, manhã cedo, para o banho de mar ou para o mercado, encontramol-os varrendo as ruas, arrancando as hervas que brotaram entre as pedras. Mais tarde, lá vão os que retiram o lixo domiciliar... Quantas vezes, de madrugada, nos tem acontecido

acordarmos sob o fragor da chuva que lá fóra cae. Parecer-nos-á então que a essa hora estão todos os homens agasalhados, em casa, dormindo. Esperemos um pouco e ahi estará á nossa porta o lixeiro com seu balde: elle andava já na faina, acolheu-se a um abrigo emquanto a chuva era mais forte, mas logo retomou o seu rude labor.

Não sei si algum de vós já morou em bairro sujeito a inundações. Ahi tambem é de vêr-se o trabalho desses homens. Desaba o temporal, cada um se recolhe o mais rapido que pode; suspendem-se muitos trabalhos; o movimento das ruas quasi cessa; os trabalhadores em geral descançam os instrumentos do trabalho e esperam uma estiada. Não elles, os empregados da Limpeza Publica. Si a chuva desaba em cataractas, ahi é que elles têm de partir, e ligeiros, accorrendo aos logares onde seja preciso desobstruir boeiros, desviar a lama, abrir passagem. E isto, seja dia ou seja noite.

Muito nos devem merecer esses honestos e dedicados servidores. Quando nos entram em casa, não lhes ouvimos uma queixa, e seria tão natural que não pudessem calar o despeito e a inveja...

Temos certeza que jamais pensaram no rude trabalho desses homens os que, ainda amimados da sorte, e tendo recebido do acaso muito mais do que mereciam, lá um dia são feridos de pequeno choque, soffrem minimo prejuizo nos seus interesses, e então não podem dissimular o odio, a raiva, o despeito que lhes remordem o coração.

Meditemos frequentemente no tra-

balho asperrimo desses bons servidores da collectividade, tenhamos por elles o melhor de nossa sympathia e pelo modo pelo qual cumprem o seu dever a mais profunda admiração.

Isto quanto aos homens. Quanto ao serviço em si mesmo, na sua organização, podemos dizer sem medo a nossos discipulos que raras, bem raras são as cidades do mundo, onde haja serviço tão bem organizado. Todos os que viajam sabem d'isso perfeitamente, e se uma ou outra vez nos aborrecemos com as pequenas falhas que descobrimos, é que desejamos sempre melhorar, o que está muito certo, e que não temos o habito de cotejar imparcialmente os nossos serviços publicos com os dos estrangeiros. O serviço de limpeza publica do Rio de Janeiro pode constituir motivo de justo desvanecimento para a administração municipal. Os que são antigos na cidade e lhe têm acompanhado o desenvolvimento sabem que o gráo de progresso a que elle chegou é devido principalmente ao extraordinario zelo, á dedicação admiravel de um modesto funcionario ha poucos annos desaparecido, e ao qual a administração ainda não rendeu homenagens a que elle fez jus. Chamava-se José Pedro de Souza e Silva. A seus esforços junto dos Prefeitos, á sua actividade incansavel e á sua capacidade administrativa deve a cidade muito, e é obra de justiça recordar-lhe o nome nestas linhas com que procuramos orientar a educação do cidadão pela escola primaria.

OTHELLO REIS.

Livros Hespanhoes

Grande variedade em todas as ciencias, só na

LIVRARIA HESPAÑOLA — Alfandega, 47

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

É o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

5.º ANNO

Invasões estrangeiras

Explique o professor como era natural que as riquezas da America, conhecidas que foram da Europa, despertaram logo a cobiça das nações sem colonias: França, Inglaterra, Hollanda.

Fale nos piratas ou flibusteiros, atacando primeiro os galeões carregados de ouro da Hespanha e de Portugal e depois, mais atrevidos, dando combate ás esquadras que comboiavam essas riquezas, invadindo e saqueando as povoações mais ricas das costas, para adquirirem assim immensos thesouros; Bahia, Pernambuco, Santos, Rio de Janeiro foram victimas dos roubos dos terríveis ladrões do mar, tolerados e acoroçados pelas nações interessadas nesses saques.

Perigo maior ameaça o Brasil quando os Francezes e Hollandezes tentam apossar-se de nossas terras. Os primeiros, visitantes assíduos das costas brasileiras, desde quasi o descobrimento, depressa se convencem de que difficil será a Portugal colonizar e conservar tantas terras; dominado por essa idéa, o poderoso almirante de Coligny planeja a fundação de uma colonia, abrigo dos *calvinistas*, em terras do Brasil e da execução do seu plano encarrega a Willegagnon, em 1555. Fale o professor resumidamente nessa expedição, na fundação da projectada colonia em uma das ilhas da nossa Guanabara, no auxilio dado aos Francezes pelos Tamoios, na expansão da colonia e na impotencia do governador—Duarte da Costa—para expulsar os invasores, gloria que coube a Estacio de Sá, auxiliado pelo governador Mem de Sá, sequencia de factos de que resulta a fundação do Rio de Janeiro, precipitando a posse da bella e grande bahia pelos Portuguezes. No Norte, 50 annos depois, o Maranhão tambem cáe em poder desses inimigos, os Francezes, que ahi fundam S. Luiz e prosperam até que os desbarata o habil capitão Jeronymo de Albuquerque.

Diga que essas luctas trazem uma vantagem: Portugal, expellindo os intrusos, reconhece a possibilidade de perder as terras tanto tempo abandonadas e apressa a colonização do extenso littoral até o Pará.

Aos Francezes succedem os Hollandezes, em 1624, tomando a Bahia que conservam durante um anno e só abandonam diante da tenaz resistencia dos seus habitantes; em 1630, cáe Pernambuco em poder dos Hollandezes, com tão grandes recursos e força que ahi permanecem, como senhores, durante vinte e quatro annos, seguros do seu dominio sobre esse rico pedaço do Brasil. Fale ligeiramente nos diversos episodios dessa lucta: os Hollandezes vencedores em Olinda e Recife; Mathias de Albuquerque, sem recursos, mas hostilizando os invasores com as guerrilhas, entrincheirado no campo do Bom Jesus; Calabar, pensando servir a patria, e auxiliando o inimigo que se firmava, victorioso; o heroico exodo para as Alagoas; o governo de Nassau, prospero e sabio mas logo substituido por outro intransigente e intolerante que gera a Insurreição pernambucana. Diga que os colonos já eram capazes de defender a terra contra o estrangeiro e, reunidas as tres raças povoadoras, a branca, a india e a negra, após luctas memoraveis em que se distinguem Vieira, André Vidal, Camarão e Henrique Dias, em que se registram feitos heroicos, como os dos *Guararapes* e tantos outros, foram de vez e para sempre expulsos os Hollandezes das terras brasileiras.

Nessas lições, como em tantas outras paginas gloriosas de nossa historia, é sempre opportuno o conhecimento geographico das regiões citadas, estudo feito diante do mappa, aproveitando-as tambem o professor para lições de civismo aos jovens brasileiros que devem bem cedo aprender a amar e venerar esses heroes a cujo trabalho, fecundo e arduo, deve o Brasil a immensidade unida de seu territorio.

MARIA ALVARENGA

GEOGRAPHIA

4º ANNO

Technologia geographica

Aquillo a que se dá habitualmente o nome de *technologia geographica* nada mais é do que o que os livros antigos intitulavam «Denominações dadas ás terras e ás aguas». Aproveitando, porém, a mudança de nome, e o grego da nova designação, bom será que o professor trate de apresentar aos alumnos de modo mais racional os diversos accidentes geographicos.

Passou já o tempo em que a geographia-atlas de monsenhor Couturier era literalmente decorada na sua parte de definições. Hoje, já se quer que o professor vá ministrando, a proposito de cada um dos accidentes, as elementarissimas noções de physiographia de que carece a intelligencia para comprehender os factos.

Para apresentar os diversos *accidentes*, forçoso é estabelecer alguns limites ao trabalho. Assim, lembraremos que, não se havendo dado ainda a noção da redondeza da terra, não podemos apresentar o globo, nem mostrar quaes sejam os continentes, nem a posição dos oceanos. Seria baralhar tudo.

Expliquemos os principaes *nomes*. Quaes os *nomes* a explicar? Eis o que é importante determinar. Antes de tudo, é evidente que o menino precisa saber o que seja *terra* (no sentido de paiz), o que seja *paiz*, *nação*, *patria*, *Estado*. Não deverá o professor entrar em minucias byzantinas para distinguir *paiz*, *nação*, *patria* e *Estado*, pois estas palavras são empregadas, na linguagem corrente, quasi sempre como synonymas. Notem bem que não estou affirmando que o sejam, mas a linguagem corrente assim as emprega. Ao lado da idéa de *paiz*, vem naturalmente a de *povo*.

O alumno comprehenderá facilmente estas noções, desde que appellemos para um termo de comparação que está, poderíamos dizer, ingenito em sua intelligencia: o *Brasil*, que é a *sua terra*; o *povo brasileiro*, que são os *seus*. D'ahi virão as idéas de *brasileiros*, *patricios*, *compatriotas*, *nacionaes*, e de outro lado *extrangeiros*. Insistirá o professor muito e muito em combater a idéa, que em

geral os alumnos trazem dos maus ensinamentos adquiridos pela preguiça ou pela ignorancia de paes e de empregados, de que o estrangeiro é sempre mau, inimigo, de temer, de odiar. A unica verdadeira campanha de approximação de povos é a que tem por base a escola primaria, não o esqueçam jamais os professores!

Será então occasião de se dar a conhecer aos alumnos os nomes dos principaes paizes do mundo. Como os principaes são muitos, escolham-se os nomes dos paizes com quem mantemos mais relações, ou de cujos nacionaes se encontram mais frequentemente filhos em nossas escolas, onde ha mesmo grande numero de extrangeiros. Assim, o alumno não pode ignorar os nomes da Argentina, do Uruguai, do Chile, do Paraguai, do Mexico, dos Estados Unidos, de Portugal, da Espanha, da França, da Inglaterra, da Italia, da Suissa, da Belgica, da Hollanda, da Allemanha, da Polonia, da Grecia, da Suecia, da Noruega, da China, do Japão e de alguns outros, entre os quaes convem não esquecer a longinqua Syria, pois são numerosissimos os descendentes de syrios em nossas escolas.

Bom será que conheça as bandeiras d'esses paizes, e melhor ainda que as saiba desenhar, occupação em que habitualmente acha grande prazer.

As divisões principaes de alguns paizes, e todas as do Brasil (nomes dos nossos Estados) são imprescindiveis.

Conhecidos os nomes de paizes, será util mostrar aos alumnos os mappas, não para estudo, mas para simples contemplação. Ahi poderão vêr que o Brasil é muito maior do que quasi todos os paizes do mundo, e nenhuma occasião se ha de perder para desenvolver o amor e a veneração da patria.

Passe-se então aos nomes dos povos que habitam as diversas terras, e ao valor commercial, industrial ou historico de cada um. Está claro que tudo isso será dado pela rama e em conversa amena.

Não esqueça ao professor corrigir certos erros inveterados, quaes o de se chamar *gallego* ao portuguez e *turco* ao syrio.

Estê conhecimento de paizes e povos é absolutamente necessario, embora não seja possivel ao alumno, por em quanto, localizar no mappa esses paizes.

Cremos tambem que desde esta primeira lição pode o alumno ir tentando desenhar o mappa do seu Brasil, construindo assim a effigie que jamais deverá de ter presente, a imagem reduzida destas vastissimas terras povoadas por seus irmãos e que ha de estar entregue á sua guarda, quando elle crescer e fôr homem.

Conhecer a sua propria terra e as outras terras do mundo, eis a parte principal da geographia, que o discipulo começa a aprender; e por isso entendemos imprescindivel dar-lhe a conhecer o nome de sua terra e das divisões desta, e os das demais terras (das mais importantes).

Passe-se depois ao estudo dos accidentes geographicos propriamente ditos.

Como fazel-o? Por meio do taboleiro, por meio do desenho e por meio das gravuras e dos mappas.

Quanto ás gravuras panoramias, nada ha que dizer, a não ser que devem ser apresentadas aos discipulos para que vejam as diversas formas representadas, e comprehendam bem tudo. Si lhes ensinamos o que seja uma península, mostrem os alumnos todas as penínsulas que houver no panorama. Si lhes falamos das bahias e enseadas, mostre todas as bahias, golfos, enseadas, saccos, classificando pela grandeza as diversas reentrancias do contorno.

Quanto aos mappas, ou representações convencionaes, vá-se adextrando o alumno a executal-os, observando as convenções, e a explical-os.

Mas o verdadeiro ensino das «formas» ou dos accidentes geographicos tem de ser feito com o auxilio do taboleiro. O emprego deste não está, infelizmente, generalizado em nossas aulas e

estamos convencidos de que á Directoria de Instrucção cabe o dever de propagal-o, demonstrando-lhe o utilidade, e fornecendo ás escolas o material imprescindivel. Pessoalmente temos envidado esforços junto de varios directores, dos muitos que têm passado pela repartição. Em programmas em cuja redacção mais de perto collaborámos, fizemos o possivel para que a propria Directoria viesse a fornecer taboleiros, argila e areia. Mas a verdade é que até hoje quasi nada se tem feito.

Dada a importancia do assumpto, reservamos para tratar do estudo das formas geographicas por meio do taboleiro todo o espaço destinado á geographia no proximo numero. Veremos depois quaes os principaes nomes que é necessario forneçamos aos alumnos, da volumosa tecnologia da geographia physica, nomes de accidentes que se possam «fazer» no taboleiro. Daremos depois os factos principaes relativos á atmosphaera e entraremos na geographia humana.

Ao terminar este artigo, não podemos deixar de observar que o programma do 4º anno é particularmente difficil, exigindo do professor grande attenção na dosagem dos conhecimentos e na sua alternancia. Os programmas em si mesmos pouco dizem e exactamente o de geographia (4º anno) sahiu sem uma só indicação pedagogica relativa á parte difficil, que está nas tres primeiras alineas.

Procuraremos com esta despretençiosa orientação, que se destina aos noviços de boa vontade, supprir essa deficiencia.

OTHELLO REIS.

SE PRETENDEIS SEGUIR

a carreira commercial, estudaes tachygraphia e dactylographia que vos será então indispensavel.

Matriculae-vos na Escola Remington, rua 7 de Setembro, 67

TEXTOS PARA CORRIGIR

Compilados pelo professor OTHELO REIS

Acaba de sahir do prélo esta interessantissima collectanea de composições, em que se encontram consignados os mais frequentes erros de linguagem. Livro especialmente organizado para servir á rapida revisão do estudo da lingua vernacula, por meio da correcção collectiva ou individual.

A' venda na Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro

LINGUA MATERNA

1º anno

EXERCICIO ORAL

A Franqueza

Mario, que era filho de um medico, tinha dado a Fernando muitas bolinhas para o jogo de *gude*.

Fernando levou-as para a escola porque queria brincar com ellas á hora do recreio.

Arrumou as bolinhas numa caixa em que costumava guardar a penna.

A' hora da aula, Fernando abriu a caixinha para tirar a penna.

Nesse momento, seu visinho Aristides, que era muito travesso, deu-lhe um empurrão no braço.

Cahiram as bolinhas fazendo muito barulho.

Os alumnos todos se voltaram, suspendendo o trabalho que estavam fazendo.

O professor castigou Fernando, prohibindo-o de ir ao recreio.

O menino recebeu o castigo, mas não accusou o companheiro.

Mas Aristides, que comprehendeu o mal que tinha feito, apresentou-se e confessou-se culpado.

Apreciando a bella acção desses dous alumnos, o professor não os castigou e os dous puderam divertir-se com as bolinhas á hora do recreio.

QUESTIONARIO

— Que faz o medico?
Qualquer pessoa que não tenha estudado, poderá exercer a medicina?
Que receita o medico?
Onde se preparam os remedios?
Todos os medicamentos pôdem ser bebidos?

Alguns são venenosos?
Que é veneno?
Uma pessoa que não sabe lêr pôde trocar os remedios?

Que fazem as boas pharmacias quando preparam remedios perigosos?
(Collam no frasco uma tira de papel vermelho).

Devemos imitar o menino que diz: «Vou brincar primeiro e estudar depois»?
Que acontece ao alumno que chega atrazado á escola?

A acção de Fernando foi bonita?
E a de Aristides, quando empurrou o braço do collega?

E quando elle se accusou para que Fernando não fosse castigado?

O professor ficou satisfeito com os dous alumnos?

Por que?
Uma creança deve ter inveja da outra que tira boas notas?

Um bom menino deve dar o trabalho que fez para que os collegas o copiem?

Por que não deve fazer isso?

A posição do corpo no jogo de *gude* é boa para a saude?

Quaes são as outras causas que tornam esse jogo pouco aconselhado?

Será preferivel correr, jogar peteca?

2º anno

EXERCICIO DE VOCABULARIO

Escrever o alumno:

- I— cinco substantivos terminados em eza.
- II— cinco em ã.
- III— cinco em agem.
- IV— cinco em inho.
- V— cinco em im.

DESENVOLVIMENTO

- I— tristeza, belleza, princeza, duqueza, marquezia.
- II— romã, avelã, irmã, allemã, anã.
etc. etc.

II

Empregar o adjectivo adequado:
As linhas do telegrapho são linhas....
O calor do sol é calor.... Um jornal que apparece todos os mezes é um jornal....
Uma creança que perdeu a côr é uma creança... Uma palavra pronunciada

sem reflexão é uma palavra.... A industria do Brasil é industria.... A bibliotheca da escola é bibliotheca.... O sentimento do povo é sentimento.... O paiz em que nascemos é o paiz... Um dia de chuva é um dia.... Os trabalhos do campo são trabalhos.... Um filho de adopção é filho.... A raça dos cavallos é raça.... A dos bois é.... A dos porcos é....

EXERCICIO DE REDACÇÃO

O ladrão e o urso

Dous homens que conduziam um urso chegaram alta noite a um hotel onde alugaram um quarto.

O hoteleiro que vendera naquella dia um porco que elle tinha engordado, collocou o urso no lugar em que agasalhava aquelle.

Pouco depois, chegava um ladrão no intento de roubar o porco, ignorando que este já tivesse sido vendido.

Abriu cautelosamente a porta do curral, entrou e, no escuro, agarrou o urso, suppondo-o o porco.

O urso poz-se de pé, soltou um uivo terrivel e abraçou de tal modo o ladrão que este não podia mover-se.

Ao mesmo tempo lhe enterrava as garras nas costas.

O susto e a dôr arrancaram gritos agudissimos ao infeliz.

Acordaram todas as pessoas do hotel e se precipitaram para o lugar donde partiam os gritos.

Com grande difficuldade os donos do urso conseguiram desembaraçar o ladrão já todo ensanguentado.

Escapou a esse perigo para ser entregue á policia que o prendeu por alguns mezes.

CARTA DE «MARIA» A SENHORA X

Rio, 12 de Outubro de 1923.

Minha Senhora,

Escrevo-lhe em nome de minha mãe que, muito occupada actualmente, não o pôde fazer.

Em resposta a sua carta, minha mãe manda dizer que, comquanto tenha muito pezar e saudade de separar-se de mim, sua filha mais velha, se conforma

com essa situação, porque sabe que entro ao serviço de uma familia muito distincta.

Minha pobre mãe enviuvou e necessita do trabalho dos filhos mais velhos.

Estou muito habituada aos serviços de casa; sei cosinhar, lavar e arrumar.

Não tenho o habito de passear, por isso, acho-me com animo de acceitar essa condição que a Senhora impõe.

Espero que meu trabalho não lhe seja desagradavel e prometto esforçar-me para não lhe causar descontentamento.

Espero partir no dia 20 do corrente. Queira acceitar, Sra X, os meus respeitos

Maria Caldas.

3º anno

LECTURA
DICTADO

Já reflectistes, meus meninos, nos beneficios que tendes recebido de vossos paes?

Já calculastes os trabalhos e o pezar que lhes tendes causado e continuaes a causar-lhes, os sacrificios que impõem a alimentação o vestuario, a instrucção e sobretudo a conservação de vossa saúde?

Pois é pensando em tudo isto que o amor e a gratidão farão brotar mais fundas raizes em vossos corações! Reflectindo na dedicação inegualavel de vossas mães, em sua meiguice sem par, em seus desvelos e affectos inexcediveis e pensando no que deveis a vossos paes é que aprendereis a amal-os e a honralhes o nome!

QUESTIONARIO

— Que sentimentos devem unir os diversos membros de uma familia?

— O amor, o respeito e os sacrificios reciprocos.

— Que quer dizer «reciproco»?

— As crianças foram em todos os tempos tratadas na familia como o são agora?

— Entre os antigos a lei facultava o direito de tratar os filhos como escravos, vendel-os, abandonal-os e até condemnal-os á morte.

— Qual o primeiro dever dos filhos em relação aos paes?

— E' o amor, que cresce á medida que o espirito se esclarece e o coração se cultiva.

— O amor filial é um sentimento que se obtem com esforço?

— Não; é um sentimento natural inspirado pela natureza.

— Que sentimento se segue ao amor?

— A obediencia. — O bom filho deve obedecer aos paes sem discutir, sem queixar-se e sem receio de algum castigo: só pelo prazer que lhes causa.

EXERCICIO DE REDACÇÃO

A bandeira

Estando gravemente doente, um alfaiate teve um sonho muito exquisto.

Parecia-lhe que, tendo morrido, um anjo desdobrava a seus olhos uma enorme bandeira formada de todos os pedaços de panno que elle tinha roubado aos freguezes.

No mesmo momento percebeu que tinha ido para o inferno e acordou sobresaltado coberto de suor frio.

O alfaiate considerou esse sonho como um aviso de Deus e prometteu ser mais honesto, quando se restabelecesse.

Não tardou a curar-se e, como desconfiava de si mesmo, pediu a um dos aprendizes que lhe lembrasse o caso da bandeira todas as vezes que cortasse um terno.

Durante muito tempo o alfaiate foi fiel á promessa que fizera; mas, um bello dia, quando talhava uma roupa feita de panno excellente e carissimo, sua virtude ficou abalada e o alfaiate peccou.

Debalde o aprendiz lhe lembrou o sonho que tivera e a promessa feita:

«Como tu me aborreces com tua bandeira, disse o alfaiate; deixa-me em paz. Não havia fazenda desta qualidade na bandeira que vi em sonho!»

4º anno

EXERCICIO

Explicar as seguintes expressões formadas com o auxilio da palavra «cabeça»:

Ter a cabeça quente (zangar-se com facilidade). Ter a cabeça rachada (ser amalucado). Uma cabeça sem miolo (um estouvado, um extravagante). Calcular de cabeça (calcular mentalmente). Ter má cabeça (ser pouco intelligente, ter pouco juizo) — Uma cabeça coroada (um monarcha, um rei). Possuir cem cabeças de gado (possuir cem animaes). Arriscar a cabeça numa empreza (arriscar á vida). Pôr alguma cousa na cabeça (imaginar alguma cousa). Trazer a cabeça inchada (estar atordoado). Servir de cabeça de turco (estar exposto aos ataques, ás zombarias de todos).

EXERCICIO DE REDACÇÃO

A mãe doente

(Carta de uma irmã á outra)

I Logar e data. II Communicar á irmã casada e mãe de familia que sua mãe esteve doente, mas que está hoje fóra de perigo. Mencionar os symptomas da molestia. III O medico diagnosticou que se tratava de uma pneumonia. Estado grave durante os primeiros dias. No oitavo tinha passado o perigo; indicar o receio que teve a principio; depois a alegria que experimentou quando o medico declarou salva a doente. Receio da responsabilidade que assumira, deixando de communicar aos irmãos o que se passava. IV Não lhes escreveu logo para não assustal-os. V Cuidados que, d'ora em diante, terá com a saúde de sua mãe. VI Reflexões sobre a perda de pessoa tão cara. VII Pedir á irmã que venha visital-as. VIII Despedir-se com amizade e carinho.

5º anno

EXERCICIO

Explicar as seguintes expressões familiares:

Uma lingua de vibora (pessoa que fala mal de todos) Um poço de sciencia (um sabio). Um pobre diabo (um infeliz). Abrir o coração a alguem (exprimir a alguem seus pensamentos intimos). Ter topete (ter ousadia, uma audacia inconveniente). Ter um coração de ouro

(ser muito generoso). No tempo das calendras gregas (As calendras eram o primeiro dia de cada mez no calendario romano : os Gregos não usavam esse mesmo systema, logo, adiar uma cousa para as calendras gregas era adial-a para uma epoca indeterminada, que jamais viria). O canto do cysne (o ultimo brilho de uma gloria que desaparece). Lagrimas de crocodilo (lagrimas pouco sinceras.) Castellos na Espanha (sonhos que jamais se realizarão). O ovo de Colombo (cousa que é facil de executar-se uma vez achada ; o difficil é achal-a).

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Valor da sciencia

Summario.—Em sua quarta e ultima viagem, Colombo alcançara a Jamai-

ca e ficou algum tempo nessa ilha, emquanto varios companheiros seus tinham ido, em canoas, procurar um navio em S. Domingos.

Os indigenas que, a principio, tinham recebido bem os hespanhões, se revoltaram contra elles, ameaçando enforcal-os. O almirante, para assustal-os, lhes predisse um eclipse de lua, cuja aproximação sabia pelos calculos que fizera e lhes annunciou esse phenomeno como um signal da colera divina.

Não acreditam e preparam as fogueiras. Descrever o terror e o desespero dos selvagens no momento em que a Lua desapareceu. Foram atirar-se aos pés de Colombo supplicando-lhe que tivesse compaixão delles e que os perdoasse. O almirante consentiu e a lua reapareceu pouco depois. Desde esse momento os insulares se submetteram sem murmurar a tudo quanto exigiram os hespanhões.

ENSINO SCIENTIFICO

Sciencias physicas e naturaes

6º anno

CONTAGIO DA VARIOLA.—A VACCINA

Começar por fazer comprehender o valor da saude, frizando bem que a todo o individuo assiste o dever de procurar conserval-a.

Fazer vêr que certas molestias (as contagiosas), são damnosas, não só á pessoa atacada, mas á communitade, em geral.

Citar as principaes molestias transmissiveis — a tuberculose, a febre amarella, o typho, o impaludismo, a escarlatina, a peste, a meningite, a diphteria, o sarampo, a variola...

Mostrar que todas essas doenças, constituindo um perigo publico, devem ser efficaçamente combatidas.

Dizer que, actualmente, graças ao progresso constante da sciencia, possuímos meios de evitar todas ellas; que a

variola, por exemplo, pode ser prevenida pela vaccina.

Deixar bem patente, no espirito das crianças, a grande utilidade da vaccina. Lembrar que antes de ser a mesma adoptada, eram frequentes os casos de variola; que todos, jovens, anciãos, ricos e pobres eram attingidos pela molestia e, que, os que não succumbiam, ficavam desfigurados, estropeados, cegos ou surdos; que não existia meio algum de debellar o mal.

Accentuar que hoje, felizmente, a variola tende a desaparecer por completo e que no dia em que todos comprehenderem a utilidade da vaccinação, será a doença das bexigas conhecida, apenas, de nome.

Frizar que não basta a vaccinação, que todo o individuo deve ser revaccinado de sete em sete annos e, mesmo, mais a miudo, em caso de epidemia.

Passar a dar uma ideia, muito succinta, da preparação da vaccina.

Explicar que o cow-pox é obtido por inoculação nos vitellos; que a parte

que se deseja inocular deve ser préviamente lavada com sabão e agua esterilizada; que, desenvolvidas as pustulas, antes de recolher-se a serosidade, deve-se proceder á nova lavagem; que o conteúdo das pustulas é recolhido por meio de colheres estereis e conservado em tubos capillares, tambem estereis; que a applicação da vaccina só pôde ser feita, depois de verificada a pureza da mesma.

Ensinar como e por quem foi descoberta a vaccina — Jenner, notavel medico escossez, havendo verificado que os vaqueiros do paiz, ao contrahirem o cowpox das vaccas que mungiam, ficavam immunes da variola, realizou uma serie de experiencias: inoculou o proprio filho, bem como varias outras pessoas, e teve sempre occasião de constatar que todas ellas adquiriam immunidad. Estava, pois, descoberta a vaccina.

Chamar a attenção para as precauções a tomar após a vaccinação — evitar que qualquer corpo extranho roce na vaccina deposta, não molhar, nem magoar a parte inflammada, não lacerar as pustulas...

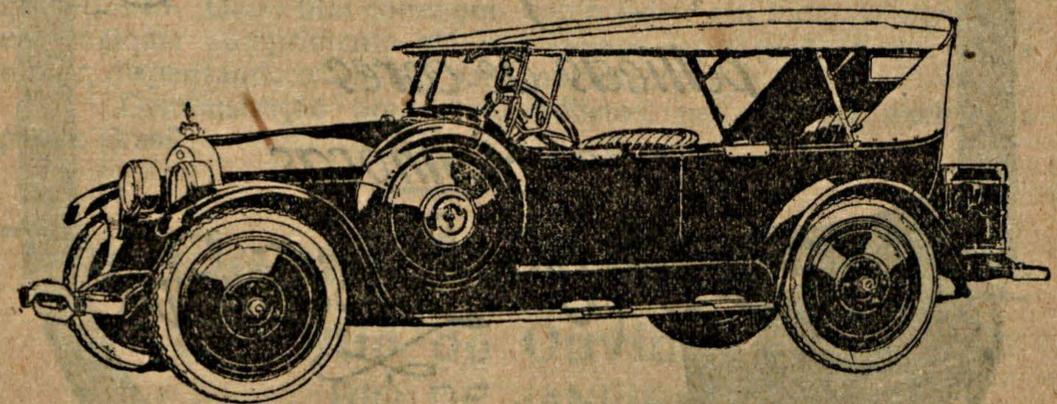
E. BLUME.



«NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia. Ocarro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particula-res

VENDAS A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7— (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

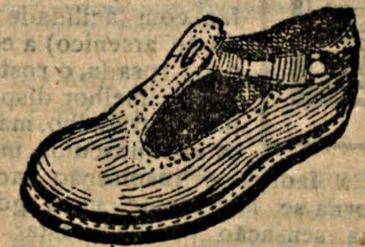
CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120

(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda



OCULOS PINCE-NEZ
Para qualquer defeito da vista

APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS
KODAKS
Revelação · Impressão · Ampliação

LUTZ, FERRANDO
CIA. LTDA.
GONÇALVES DIAS 40

O CINEMA E A ESCOLA

A cinematographia não é hoje apenas um instrumento de agradável diversão, mas também de instrução e educação.

Realmente, para o estudo de certas sciencias, parece-nos que o cinematographo pode ser empregado com muito maiores vantagens que os livros ou mesmo que as lições do mais competente professor, pois é muito mais facil reter de memoria aquillo que vemos, com os nossos proprios olhos que o que nos transmittem por impressões alheias.

“Faz muitos annos”, dizia Edison, “preparei varias photographias mostrando algumas experiencias sobre physica e chimica, surprehendendo-me muito a rapidez com que as crianças absorviam tudo que viam, como se fossem de idade madura. E, verificando que ellas poderiam muito lucrar por este novo methodo, concebi o plano da adopção do cinema nas escolas. Convidei, para este fim, os membros do *Board of Education* de New York aceitando o meu convite dez pessoas. Regressaram todas maravilhadas do que haviam visto, mas ficou só nisso... Mais tarde, contra toda a minha expectativa vim a saber que tinha contra mim todos os livreiros e, quando me convenci de que ia ser derrotado nos meus intuitos, raspei-me da scena o mais depressa possivel”.

Existe agora a machina “**De Vry**” que não precisa de installação especial. E’ muito economica gastando sómente 5 amperes de corrente. Ligada a uma rosca de lampada commum, de muito facil manejo, um menino intelligente póde fazel-a funcionar correctamente dentro de poucos minutos. Cada machina vem acompanhada dum manual sobre cinematographia em geral.

A projecção é perfeita, sem trepidação, alcançando a distancia de um metro até vinte-cinco metros.

A machina é a prova de fogo. E’ silenciosa, permittindo ao professor fazer observações durante a projecção. E’ garantida contra todos os defeitos de mão de obra. Encontram-se as peças sobresalentes no deposito. Gasta film commum, como existe em todas as agencias, em qualquer comprimento até 350 metros (1000 pés). E’ movida a motor, dispensando manivella para movimentar.

Demonstração pratica ou folhetos, nos agentes exclusivos para o Brasil.

The Dental Mfg. Co. (BRASIL) Ltd.

127, Rua do Ouvidor, 127
RIO DE JANEIRO

Casa do Bastos
TEL. C.2616

19 RUA URUGUAYANA 19

*Ultimas creações em
Calçados finos em Verniz
e pellicas de cores
para Senhoras*

OSTA BASTOS & FERNANDES



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
O Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complemeutar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas	3\$300
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras	2\$000

Remetemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil